

# REAGREGANDO O SOCIAL: UMA INTRODUÇÃO À TEORIA DO ATOR-REDE

REAGGGING THE SOCIAL: AN INTRODUCTION TO THE NETWORK ACTOR THEORY

Cícera Pinheiro Batista<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0003-2615-1803>

Paulo Dourian Pereira de Carvalho<sup>2</sup>

<http://orcid.org/0000-0003-1961-8970>

## BRUNO LATOUR<sup>3</sup>

Bruno Latour é um renomado filósofo, antropólogo e sociólogo. Nasceu na França, no ano de 1947. Doutorou-se em filosofia pela *Université de Tours* e em antropologia pela *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, em Paris, local onde leciona. Tem se destacado nos estudos de filosofia da ciência e da natureza, bem como no campo de conhecimento das “ecologias políticas”. Latour já trabalhou como professor na *University of California – Campus San Diego* (1989 a 1991) e no Centro de Sociologia e Inovação da *École Nationale Supérieure des Mines de Paris* (1991 a 2006). No ano de 2013, recebeu o prêmio *Holberg* do governo da Noruega. Possui uma profícua trajetória acadêmica, tendo publicado diversos artigos e concedido entrevistas por todo o mundo. É autor de inúmeros livros, entre eles: *Políticas da natureza* e *Ensaio Sobre a Realidade dos Estudos Científicos, Investigações sobre os modos de existência, jamais fomos modernos* e a obra *Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede*, objeto de análise desta resenha.

## REAGREGANDO O SOCIAL – REFLEXÕES SOBRE A SOCIOLOGIA DAS ASSOCIAÇÕES

A obra *Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede* é composta de três partes mais a introdução. São quatrocentas páginas de uma escrita complexa e, por

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN), licenciada em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), licenciada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e especialista em Gestão Educacional pelo Instituto de Ensino Superior Natalense (IESN). E-mail: cicerapinhoibatista.patricia@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAS-UFRN) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: paulo.dourian@hotmail.com.

<sup>3</sup> Informações biográficas disponíveis em: <https://bazardotempo.com.br/autores/bruno-latour/>. Acesso em: 04 jul. 2021.

vezes, irônica, em que o autor apresenta uma teoria social “alternativa” para se pensar os elementos do social do século XXI. Trata-se de uma contestação à teoria social tradicional e todas as naturalizações provenientes dela. Latour nos convida a pensar o social por outro viés que enfatiza as associações, as microassociações, os fluxos, as conexões, os microelementos que se articulam em uma rede, conformando coletivos que constituem o social, sendo este último tido como relacional, fluido e não fechado como pressupunha a sociologia clássica.

No pensamento de Latour, sintetizado na obra, nota-se um movimento de abertura. O autor preza pela interdisciplinaridade e defende a interdependência entre os elementos e os agentes que constituem as redes. Além disso, nota-se a tentativa de quebra dos dualismos que historicamente atravessam as ciências sociais, tais como: indivíduo e sociedade, natureza e cultura. Em detrimento das dicotomias, Latour pensa em variações, movimentos de continuidade e complementaridade. Isso faz com que as categorias fixas e estanques sejam diluídas, imersas em uma rede na qual ocorrem cadeias de associações entre humanos e não humanos, pessoas e objetos, ambos com poder de agência.

Influenciado por autores como Gilles Deleuze (1925-1995), Félix Guattari (1930-1992), Gabriel Tarde (1843-1904), Michel Foucault (1926-1984), entre outros, Latour afasta-se da ideia de pensar um todo unificado, ou formas *a priori*. Diferentemente disso, ele se interessa por feixes de relações nas pequenas partes que criam a realidade por meio de conexões que envolvem mediações, processos e horizontalidade entre os elementos presentes na rede.

Partindo desses pressupostos, logo na introdução do livro, Latour expõe que pretende descobrir as associações e desvelar o “social” que estava petrificado na sociologia clássica. Para Latour, o social não é um estado de coisas estanques, de modo que as explicações científicas modernas já não dão conta de abranger o social na atualidade, por isso, segundo o autor, é preciso remontar o “significado primitivo de social”, rastreado os atores nas conexões entre coisas que não são sociais em si mesmas. Isso nos faz pensar que não existe uma essência no que se tem chamado de social, muito pelo contrário, esse é um elemento volátil e compósito.

Logo nas primeiras páginas, nota-se que a obra tem como proposta principal examinar a natureza do social, devido à multiplicidade de produtos científicos/tecnológicos que existem nos agregados, e que carece de ser analisada na perspectiva de mudança no campo da ciência e na complexa composição da “sociedade”. Para Latour, é preciso revisar o objeto, bem como a metodologia das ciências sociais, em razão dos elementos heterogêneos que as associações comportam em um “movimento peculiar de associação e de reagregação”. Assim, o autor busca reexaminar as contradições na esfera do social a partir do que ele chama de “cinco incertezas”, o que implica uma redefinição das “associações”.

Latour aponta que: as explicações sociais dos modernos não permitiram à Sociologia inventar um percurso próprio como disciplina científica. Por isso, é preciso a perspectiva relativista que se adeque aos dados e às informações que o campo oferece como guia aos

estudos da Actor-Network-Theory (ANT)<sup>4</sup>, cuja tarefa é reunir os agregados rastreando as conexões entre eles. Enfatiza que os processos que atravessam os atores são importantes, cabendo ao analista segui-los a fim de descobrir como definem e ordenam o social. Desse modo, não convém à ANT se debruçar sobre pares de conceitos entrelaçados, haja vista que o social, para Latour, é associação – *socius* –, isto é, movimento constante. O autor toma por objeto o conjunto que o social tenta explicar, recomendando explorar a construção do “coletivo” a partir das cinco “grandes incertezas”, que dizem respeito à natureza dos grupos, à natureza das ações, à natureza dos objetos, à natureza dos fatos e, por fim, às soluções práticas para composição de um relato, sendo este colocado pela ANT como mediador entre o analista e o campo.

Na primeira fonte de incerteza, o autor discute as formações de grupos cujos laços são incertos, mutáveis e contraditórios. Por esse motivo, é preciso um deslocamento entre quadros de referências – esse trânsito permitirá aos atores se expressarem para o analista. Este último se integra aos elementos que fazem o “coletivo” no qual é preciso diferenciar o mediador e o intermediário, uma vez que os agregados têm definição performativa e fluida, o que os distingue da concepção sociológica tradicional percebida pelo autor como rígida.

A discussão que orienta a segunda fonte de incerteza diz respeito ao modo como a ANT analisa a natureza heterogênea dos aspectos do social, sendo que este não se resume ao que já se encontra agregado, porque é puro movimento. Nesse caso, os laços, bem como as ações, comportam um conjunto de funções direcionadas não necessariamente ao material social, tendo em conta que agentes e investigadores têm papel importante no desdobramento que evidencia a objetividade do trabalho de investigação. Ademais, os universos dos atores humanos e não humanos, das coisas e dos objetos se conectam. É a partir dessa premissa que Latour assenta a terceira fonte de incerteza porque a ANT põe em interação o mundo do sujeito e o mundo do objeto, onde a influência acontece mutuamente, contrastando com a “sociologia do social”, que tende a desconsiderar a agência dos objetos.

A quarta fonte de incerteza aborda as “questões de fato” e as “questões de interesse”. Para discuti-las, o autor inclui o termo “construção”<sup>5</sup>, uma vez que se relaciona com a fusão, o humano/não humano, ocorrendo a dupla metamorfose – no campo da ciência e no seio da sociedade – na qual as entidades não humanas desempenham papéis indispensáveis. No tocante a essa realidade heterogênea, o “fato científico” assume um caráter diverso em detrimento da “sociologia do social”, o que significa dizer que ele é construído. Esse é um aspecto importante a ser considerado na pesquisa ANT, porque se contrapõe ao argumento da teoria social tradicional de que, por trás dos fenômenos sociais, há sempre uma relação de causa e efeito. Para Latour, o que há é interação estabelecida pelas entidades, e não uma substituição de umas por outras.

<sup>4</sup> Teoria-Ator-Rede.

<sup>5</sup> Não se confunde com construção social.

A quinta fonte de incerteza trata do “ato de compor relatos”, sendo estes colocados em primeiro plano na empreitada, considerando que é um recurso, mas também um mediador entre interlocutores da pesquisa. Para Latour, o texto se configura como o “laboratório” do cientista, por meio dele, o social vai se manifestar ao sociólogo. O autor defende a construção de relatos objetivos e com aspecto inovador. O relato será inovador se for capaz de tecer uma rede ampliando o número de atores em ação em um movimento que vai do local ao global. Quanto à rede como conceito, ferramenta da Teoria Ator-Rede, esta vem assegurar, no relato textual, a associação entre sistemas que se cruzam construindo a realidade.

Na segunda e na terceira parte da obra, o autor põe em discussão dois pontos de vista, dois métodos que se opõem, o que chamou de “sociologia do social” e o que denominou de “sociologia de associação”. O intuito é renovar a discussão em torno da construção social, porém, nesse caso, primando pelas interações. Latour parte do princípio de que o adjetivo “social” designa fenômenos diferentes, sendo substância e ao mesmo tempo movimento entre elementos não sociais. Essa distinção torna difícil a empreitada de rastrear o social, haja vista que a solidez, bem como a fluidez do objeto das ciências sociais, com seus vínculos e ordens, não se adapta ao rastreamento realizado no momento da modificação. Por isso, o cientista do social confunde os três deveres sucessivos das ciências sociais, que são: desdobrar as controvérsias, mostrar os meios pelos quais elas se estabelecem e o modo como elas prosseguem.

Latour argumenta que é impossível cumprir esses deveres ao mesmo tempo, sob pena de confundir uma estratégia intelectual obscura com um método eficiente. Desse modo, é importante seguir os atores enquanto eles alinham o social, deixando traços empíricos que o cientista descobre no processo investigativo. O autor defende que o social se tornou irrastrável devido à própria existência da “sociedade”, como conceito fechado. Porém, é possível reverter o processo discutindo a importância política da sociologia sob a ótica relativista, revendo os movimentos do local ao global em busca das entidades que transitam entre os espaços e no tempo, o que implica apreender o deslocamento e as conexões entre os pontos.

Latour trata da distribuição do social a partir da “recondução” e da redistribuição do local em um processo simétrico que envolve o movimento simultâneo local/global, intermediando os localizadores que atuam nas interações. Saber como elas funcionam ajuda a romper com a ideia de contexto e de estrutura social, conceitos utilizados pela sociologia tradicional. A ANT contesta a relação de causa e efeito por entender que nenhuma força exterior determina os mediadores de subjetividades. Estes induzem atores e proporcionam habilidades intelectuais na concretude da ação. Isso significa que se relacionam, modificando-a.

Em suma, neste livro, Bruno Latour apresenta uma excelente explicação da Teoria Ator-Rede, que postula que os padrões definidos pela tradição moderna não podem ser aceitos sem desconfiança, pois carregam em si as explicações sobre uma estrutura rígida da sociedade. Para o autor, essa concepção é contrária aos vínculos sociais entre

humanos e não humanos, objetos e coisas que constituem o universo social de associações provisórias, em que os mediadores vêm de fora para constituir o coletivo, fugindo do repertório ontológico padronizado. A proposta é avançar sobre a pluralidade dos mundos e dos regimes de existência que habitam o social. Considera-se este um livro essencial para se repensar a sociologia, não no sentido de descartar tantas contribuições importantes dos seus pensadores clássicos, mas no de propor um movimento de conciliação das diferentes tradições.

## REFERÊNCIAS

BRUNO LATOUR. **Bazar do tempo**, 2013. Disponível em: <https://bazardotempo.com.br/autores/bruno-latour/>. Acesso em: 4 jul. 2021.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.